

Fernando Pessoa

**Servo sem dor de um desolado intuito,**

Servo sem dor de um desolado intuito,  
De nada creias ou descreias muito.  
O mesmo faz que penses ou não penses.  
Tudo é irreal, anónimo e fortuito.

Não sejas curioso do amplo mundo.  
Ele é menos extenso do que fundo.  
E o que não sabes nem saberás nunca  
É isso o mais real e o mais profundo.

Troca por vinho o amor que não terás.  
O que esperas, perene o esperarás.  
O que bebes, tu bebes. Olha as rosas.  
Morto, que rosas é que cheirarás?

Vendo o tumulto inconsciente em que anda  
A humanidade de uma a outra banda,  
Não te nasce a vontade de dormir?  
Não te cresce o desprezo de quem manda?

Duas vezes no ano, diz quem sabe,  
Em Nishapor, onde me o mundo cabe,  
Florem as rosas. Sobre mim sepulto  
Essa dupla anuidade não acabe!

Traze o vinho, que o vinho, dizem, é  
O que alegra a alma e o que, em perfeita fé,  
Traz o sangue de um Deus ao corpo e à alma.  
Mas, seja como for, bebe e não sê.

Com seus cavalos imperiais calcando

Os campos que o labor esteve lavrando,  
Passa o César de aqui. Mais tarde, morto,  
Renasce a erva, nos campos alastrando.

Goza o Sultão de amor em quantidade.  
Goza o Vizir amor em qualidade.  
Não gozo amor nenhum. Tragam-me vinho  
E gozo de ser nada em liberdade.

30-11-1933

**Novas Poesias Inéditas.** Fernando Pessoa. (Direcção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.) Lisboa: Ática, 1973 (4ª ed. 1993): 97.